

AO QUE VAI NASCER: AS RELAÇÕES DE PAI E FILHO PRESENTES NO LIVRO “O AVESSO DA PELE” DE JEFERSON TENÓRIO

Beatriz Fernandes da Costa¹
Sebastião Marques Cardoso²

<https://doi.org/10.5281/zenodo.17503984>

RESUMO

Este artigo examina a relação entre Pedro e Henrique em *O Averso da Pele*, de Jeferson Tenório, com foco na masculinidade e paternidade negra. Narrada por Pedro, a obra explora as marcas da ausência emocional e os desafios de um homem negro em um contexto de racismo estrutural. A busca de Pedro pelas memórias de Henrique transforma o luto em um processo de autoconhecimento, levando-o a enxergar o pai como um homem complexo, marcado por contradições, dores e resistências. Para aprofundar a análise, utilizamos as reflexões de autores como Pinho (2004), Fanon (2020), Gonzalez (2022), hooks (2022), entre outros. Se evidencia como Henrique, marcado pelo abandono paterno, busca romper esse ciclo sendo presente na vida de Pedro, mas enfrenta limitações emocionais, enquanto, Pedro ressignifica sua identidade ao compreender que sua história é inseparável da de seu pai, destacando a importância de uma análise interseccional sobre paternidade negra e seus desafios em nossa sociedade.

Palavras-chave: Romance contemporâneo; Paternidade negra; Masculinidade negra.

A LO QUE ESTÁ POR NACER: LAS RELACIONES ENTRE PADRE E HIJO PRESENTES EN LA OBRA “O AVESSO DA PELE” DE JEFERSON TENÓRIO

RESUMEN

Este artículo examina la relación entre Pedro y Henrique en “O Averso da Pele”, de Jeferson Tenório, con un enfoque en la masculinidad y la paternidad negra. Narrada por Pedro, la obra explora las marcas de la ausencia emocional y los desafíos que enfrenta un hombre negro en un contexto de racismo estructural. La búsqueda de Pedro por las memorias de Henrique transforma el duelo en un proceso de autoconocimiento, llevándolo a ver a su padre como un hombre complejo, marcado por contradicciones, dolores y resistencias. Para profundizar en el análisis, utilizamos las reflexiones de autores como Pinho (2004), Fanon (2020), Gonzalez (2022), hooks (2022), entre otros. Se evidencia cómo Henrique, marcado por el abandono paterno, intenta romper este ciclo al estar presente en la vida de Pedro, aunque enfrenta limitaciones emocionales. Mientras tanto, Pedro ressignifica su identidad al comprender que su historia es inseparable de la de su padre, destacando la importancia de un análisis interseccional sobre la paternidad negra y sus desafíos en nuestra sociedad.

Palabras clave: Novela contemporánea; Paternidad negra; Masculinidad negra.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Especialista em Docência no Ensino de Literatura pelo Centro Universitário UniBF - 2024

² Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Doutor em Teoria e História Literária – UNICAMP.

1. INTRODUÇÃO

Entender a masculinidade e a paternidade negra requer uma abordagem que reconheça as dinâmicas sociais, econômicas e históricas que afetam esses homens. A marginalização econômica, o racismo sistêmico e a criminalização desproporcional são fatores que influenciam profundamente a experiência de homens negros como pais. Ainda assim, essas questões estruturais não devem ser tomadas como determinantes simplistas, mas sim como parte de uma rede de desafios que acabam muitas vezes por perpassar a experiência vivida na paternidade negra.

Historicamente, tanto na mídia quanto na literatura, as representações de homens negros como pais têm sido frequentemente reduzidas a estereótipos simplistas e negativos. Eles são retratados como ausentes, irresponsáveis ou incapazes de cumprir adequadamente o papel paterno. Essas representações não apenas perpetuam preconceitos raciais profundamente enraizados, como também obscurecem as realidades complexas e variadas das experiências de paternidade dentro das comunidades negras.

Oliveira, em seu texto "Discursos sobre a masculinidade", publicado em 1998, afirma que, juntamente com as questões de classe e raça, as relações de gênero compõem a tríade analítica que ajuda a esclarecer os mecanismos pelos quais poder e recursos são distribuídos socialmente. Isso significa que, para compreender plenamente as dinâmicas de poder na sociedade, se faz necessário observar como classe, raça e gênero interagem e se influenciam mutuamente. Assim, observa-se que existe uma diferenciação de poder socialmente inerente às diferenças desta tríade de poder.

Ao considerar essa tríade, percebemos que a masculinidade negra desse modo, não pode ser compreendida isoladamente das condições socioeconômicas e do contexto racial. Os homens negros frequentemente enfrentam uma interseção de desvantagens econômicas, discriminação racial e expectativas de gênero, que juntos moldam suas experiências de vida.

Nessa perspectiva, o homem negro surge socialmente como um ser que não se alinha ao padrão de poder atribuído ao homem branco, pois não apenas sua masculinidade é questionada diante da branquitude, mas também sua própria humanidade em uma sociedade estruturada no racismo.

Pinho (2004) explora como o corpo negro masculino é representado de maneira alienada, separado da autoconsciência do indivíduo, abordando a construção social da masculinidade negra como um fenômeno complexo, marcado por narrativas raciais e racistas que alienam e fragmentam o corpo negro.

Antes de tudo, o homem negro é representado como um corpo negro, o seu próprio corpo. Paradoxalmente, esse corpo é configurado de

forma alienada, como se fosse separado da autoconsciência do negro. O corpo negro é outro corpo, lógica e historicamente deslocado de seu centro. Como suporte ativo para a identidade, é o lugar de uma batalha pela reapropriação de si, do negro como uma reinvenção do self negro e de seu lugar na história. Uma reapropriação do corpo como plataforma ou base política revolucionária. Ora, essa base é contraditória porque tem sido definida pelas discursividades racializantes ou puramente racistas que justamente aprisionam o negro na “geografia da pele e da cor”. Ser negro é ser o corpo negro, que emergiu simbolicamente na história como o corpo para o outro, o branco dominante. Assim, o corpo negro masculino é fundamentalmente corpo-para-o-trabalho e corpo sexuado. Está, desse modo, decomposto ou fragmentado em partes: a pele; as marcas corporais da raça (cabelo, feições, odores); os músculos ou força física; o sexo, genitalizado dimorficamente como o pênis, símbolo falocrático do plus de sensualidade que o negro representaria e que, ironicamente, significa sua recondução ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco. (PINHO, 2004, p. 67).

Essa reflexão desenvolvida por Pinho (2004) explora a ideia de que o corpo negro, histórica e simbolicamente, foi separado da autoconsciência do indivíduo negro, sendo fragmentado por narrativas que desumanizam e reduzem a subjetividade desse grupo a um conjunto de estereótipos. Ao ser representado primeiramente como corpo – antes de ser reconhecido como sujeito com pensamentos, emoções e autonomia – o homem negro é reduzido a uma imagem que serve às necessidades e expectativas do outro, principalmente da sociedade branca e dominante.

A reflexão de Pinho sobre a representação alienada do corpo negro masculino e a fragmentação desse corpo por narrativas raciais encontra um forte paralelo na caracterização de Henrique em “O Averso da Pele” (2020), como personagem, trata-se de um homem negro que enfrenta as consequências da desumanização e da fragmentação imposta pelas estruturas racistas da sociedade.

Essa alienação do seu corpo e da sua identidade é uma das fontes de duas lutas internas e externas. Henrique está preso em uma batalha constante. Seu corpo é fragmentado pela sociedade, sendo ao mesmo tempo percebido como uma ameaça física e hipersexualizado. Essa dualidade se manifesta de maneira evidente na sua relação com Juliana, sua primeira namorada branca. Quando ele decide se posicionar contra as atitudes claramente racistas dos familiares de Juliana, e diante da omissão dela, Henrique deixa de ser visto como o “bom negro” – aquele que, na verdade, é silenciosamente violentado – e passa a ser rotulado como “intransigente”, “grosseiro”, “imbecil” e até “racista de brancos”, como podemos observar nesse trecho da obra:

Dias depois, ela te ligou e disse que não deveriam mais se ver, e então você a chamou novamente de egoísta e ela te chamou de imbecil e preconceituoso, que não gostava de brancos, e bem que os parentes dela tinham razão de não se meterem com gente igual você, e em seguida, bateu o telefone na sua cara (TENÓRIO, 2022, p. 36).

Essa mudança na percepção de Henrique revela como a sociedade branca espera que o homem negro se submeta passivamente às microagressões e ao racismo estrutural, mantendo um comportamento subserviente para ser aceito. Quando ele ousa quebrar essa expectativa e se afirma contra as injustiças que enfrenta, é imediatamente reclassificado, tornando-se o “agressivo” ou “irracional” aos olhos daqueles que antes o toleravam, sob a justificativa de que a culpa é do negro que reage a violência e não do branco que a incita. A relação com Juliana destaca como essa dinâmica se desenrola nas esferas mais íntimas, onde até mesmo o amor e o afeto não conseguem escapar das estruturas raciais que desumanizam o homem negro e o prendem a um ciclo de desconfiança e opressão.

2. O AVESSE DA PELE

“O Avesse da Pele” é um livro escrito por Jeferson Tenório e publicado pela Companhia das Letras em 2020. A trama é narrada por Pedro, um jovem negro que busca entender e reconstruir a trajetória de seu pai, Henrique, um professor negro que morre aos cinquenta e dois anos vítima da violência policial. Tenório costura a narrativa com memórias, reflexões e críticas à sociedade brasileira, apontando como o racismo impacta as relações humanas e molda as experiências de vida.

Um dos aspectos mais marcantes da obra é a construção do personagem Henrique. Trata-se de uma figura profundamente complexa e multifacetada, cuja trajetória reflete as tensões sociais, raciais e pessoais enfrentadas por homens negros no Brasil. Uma das camadas que conhecemos deste personagem é a maneira como ele vivencia amor de forma não idealizada, mostrando-o como algo humano, complexo e marcado por contradições. Através da relação conflituosa entre pai e filho, Tenório nos apresenta um amor que, longe de ser inquestionável ou perfeito, é genuíno e construído a partir de erros, acertos em uma busca de si mesmo, não como complemento do outro, mas como um processo de autoconhecimento e crescimento. Esse amor se estabelece na tentativa de entender o outro e a si.

3. PAI E FILHO

Seguindo por essa estrada, a construção da masculinidade negra estaria, portanto, inserida em um cenário de opressão, onde o corpo é a primeira e mais poderosa ferramenta de desumanização. A masculinidade negra é representada como força física, sensualidade exacerbada e hipersexualização. O pênis, por exemplo, é apresentado como um símbolo falocrático, fetichizado pelo olhar branco e visto como um objeto de poder e perigo. Ironicamente, essa mesma característica, exaltada na imaginação racista como “diferencial”, é utilizada para controlar e desumanizar o homem negro, relegando-o ao reino dos fetiches e estereótipos que perpetuam sua subjugação.

No entanto, Pinho sugere que o corpo negro também pode ser uma plataforma para a reapropriação identitária e política. Ele vê o corpo como o lugar de uma batalha simbólica e histórica pela reinvenção da subjetividade negra.

Essa reapropriação é um ato revolucionário, que busca desafiar e subverter as discursividades racializantes que tentam aprisionar o negro em narrativas de inferioridade e objetificação.

Esse processo de reapropriação é, contudo, contraditório, pois o corpo negro continua a ser definido pelas mesmas forças racistas que o alienam. A luta pela liberdade e autoconsciência ocorre dentro de um sistema que ainda o aprisiona e o fragmenta. A masculinidade negra, portanto, carrega consigo uma história de resistência, mas também de luta constante contra as forças que continuam a aliená-la.

Ao exemplo disso, temos o personagem Henrique de Tenório (2022) que tenta lutar contra essa alienação de seu corpo e sua identidade. Ele busca, através da educação, do ensino da literatura, e de seu papel como pai, reconectar-se com sua subjetividade e reconstruir sua identidade para além dos limites que a sociedade impõe. No entanto, essa luta é árdua e muitas vezes frustrante, porque ele continua a ser visto pelo "olhar branco" que o fragmenta e o aliena.

A relação entre Henrique e seu filho Pedro também reflete essa tentativa de reapropriação. Pedro narra o livro depois da morte de Henrique, e sua jornada envolve tentar entender e reconectar-se com o legado de seu pai. A alienação de Henrique de seu próprio corpo e identidade repercute nas gerações seguintes, afetando Pedro de maneira profunda. Pedro busca entender as pressões e limitações que seu pai enfrentou como homem negro, o que está diretamente relacionado à ideia de que o corpo negro é um "corpo-para-o-outro" e não um corpo para si.

A paternidade negra é um tema profundamente relevante, mas ainda sub-representado nas pesquisas acadêmicas. Ela envolve a experiência de ser um pai negro em uma sociedade estruturalmente racista, onde os desafios vão além dos obstáculos econômicos e sociais enfrentados pela maioria dos pais.

Apesar da importância desse tema, há uma carência significativa de textos acadêmicos que abordem a paternidade negra de maneira ampla e aprofundada. Muitos estudos sobre família e paternidade acabam se concentrando em modelos, ditos, tradicionais de paternidade, que acabam por se resumir apenas a uma representação branca de classe média, negligenciando as particularidades e especificidades das experiências negras. Além disso, as pesquisas que tratam da questão racial tendem a focar nas mães negras ou nas estruturas familiares sem o pai presente, o que perpetua a invisibilidade da figura paterna negra.

Essa lacuna na literatura acadêmica pode ser explicada pela própria marginalização histórica dos homens negros, que se reflete na falta de interesse ou de prioridade dada às suas vivências. Segundo o Primeiro relatório sobre as paternidades negras no Brasil, publicado em 2021 pelo Instituto Promundo:

O homem negro brasileiro, com todas as precariedades que lhes foram impostas, só teve a possibilidade de começar a paternar após a abolição da escravatura, em 1888. Logo, ele está há menos de dois séculos exercendo paternidades nestas terras. Um século e meio, quando se trata de desenvolvimento humano, é quase nada. Toda memória de paternidade do homem preto anterior ao século XIX é memória afetiva da África. Neste contexto precisamos discutir

masculinidades como ponto fundamental de construção das paternidades. Há uma luta, aqui posta, que se refere às masculinidades hegemônicas x masculinidades subalternas. É importante entender que há uma interdependência destes modelos apresentados que é construída no interior destas masculinidades. O lugar da hegemonia cabe ao homem branco, hétero e cis, e o lugar das subalternidades cabem aos homens pretos e tudo que não está inserido no padrão branco e heteronormativo (INSTITUTO PROMUNDO, 2021, p.12).

O trecho do relatório do Instituto Promundo revela a complexidade histórica da construção das paternidades negras no Brasil. A escravidão, ao negar aos homens negros o direito à família e à procriação, atrasou significativamente o exercício pleno da paternidade. Consequentemente, a história da paternidade negra no país é relativamente curta, com menos de dois séculos de construção. Essa temporalidade reduzida, aliada à memória afetiva da África, torna ainda mais urgente a discussão sobre as especificidades das paternidades negras.

A questão das masculinidades é central nesse debate. A masculinidade hegemônica, associada ao homem branco, cisgênero e heterossexual, serve como padrão para todas as outras masculinidades. A masculinidade negra, por sua vez, é subalternizada e estigmatizada, reforçando estereótipos racistas que a associam à incapacidade de exercer a paternidade de forma responsável. Essa subalternização histórica dificulta a construção de identidades paternas positivas e fortalecedoras para os homens negros.

Esse processo de estigmatização não é apenas um reflexo do passado, mas uma estrutura que se perpetua no presente. A falta de oportunidades, o racismo estrutural e a desvalorização da masculinidade negra criam um ambiente no qual romper esse ciclo se torna cada vez mais difícil. Narrativas que propõem uma quebra dessa cadeia de abandono – onde o homem negro possa ser visto como um pai presente, afetuoso e responsável – são frequentemente vistas como improváveis, ou até utópicas, pela sociedade que há muito se acostumou a aceitar e reforçar o estigma.

Quando essas novas narrativas emergem, elas são rapidamente desacreditadas, pois desafiam a lógica da exclusão, questionam o racismo estrutural e colocam em evidência a injustiça histórica. A repetição contínua dos estigmas se cristaliza de tal forma que qualquer tentativa de mudança é encarada com ceticismo, como se a transformação do homem negro em figura paterna presente e valorizada fosse algo distante ou irreal.

Henrique, em “O Averso da Pele”, personifica com profundidade as duas faces da moeda paterna. Como filho, ele carrega o peso do abandono, uma ferida aberta que molda sua visão de mundo e de si mesmo. Esse abandono, no entanto, não é apenas físico, mas também emocional e simbólico – uma ausência que se reflete na falta de referência, na lacuna de afeto, e no vazio que reverbera em sua vida adulta. Henrique cresce à sombra dessa ausência, buscando respostas e preenchendo o silêncio com sentimentos de perda, dor e ressentimento.

A relação de filho-pai desempenhada por Henrique é permeada por silêncios e desconfortos tão profundos que, ao comparecer ao velório de seu pai, ele se depara com a estranheza de não reconhecer o homem descrito por sua

meia-irmã. Esse distanciamento entre a figura do pai que Henrique conheceu – ou ao que nunca foi realmente apresentado – e a imagem que lhe é mostrada revela a profundidade da desconexão emocional entre eles. É como se, mesmo diante da morte, o pai continuasse sendo uma figura enigmática, distante, um mistério nunca desvendado.

Um dia você recebeu a notícia da morte do seu pai. Mas você não sabia bem como reagir. Pois você não conviveu com ele. Seu pai sempre foi um completo estranho. A verdade é que o tempo passou e você ainda não sabe bem como lidar com isso [...] Seu pai morreu com setenta e cinco anos. E depois disso, depois da morte dele, foi na sua morte que você passou a pensar. Você tinha um ano de idade quando seu pai sumiu no mundo. Sua mãe se viu obrigada a dar um jeito. E você cresceu vendo sua mãe dar um jeito nas coisas. Não havia tempo para lamentações (TENÓRIO, 2020, p. 68 e 69).

O luto de Henrique, por sua vez, se mostra incerto e fragmentado. Ele não apenas lamenta a perda de alguém que não pôde alcançar, mas também se questiona se há realmente algo a ser lamentado. A tristeza que o envolve é difusa, não marcada pela perda de um vínculo concreto, mas pela ausência de um vínculo que nunca foi totalmente formado. A dor de Henrique não vem apenas da morte do pai, mas da constatação de que, mesmo em vida, ele nunca o pôde identificar completamente – nunca o conheceu de fato.

Essa incerteza sobre o que sentir e como processar o luto revela uma dimensão de sofrimento que vai além da perda física. Henrique sofre, mas é um sofrimento ambíguo, carregado de culpa, frustração e desorientação. Ele não sabe exatamente pelo que está sofrendo: pela ausência de um pai que nunca esteve verdadeiramente presente? Pela impossibilidade de compreender a relação que nunca se construiu? Ou pela expectativa frustrada de um reencontro, de uma explicação, que a morte tornou impossível? Esse luto incerto reflete a profundidade do silêncio e do vazio que marcaram a relação entre pai e filho, uma relação que, até no fim, permanece incompleta e confusa.

O silêncio que envolve a falta de resposta aos sentimentos de Henrique é, paradoxalmente, íntimo meu. Reconheço em mim o peso da ausência deixada por um pai que optou por não ser o meu. É uma tarefa árdua e, muitas vezes, mal executada "enterrar" um pai vivo, cuja ausência se transforma em um velório constante no centro da sala do seu próprio ser, é como tentar cobrir um buraco de sete palmos com dois punhados de areia. Sempre haverá uma parte visível, uma mão que te puxa de volta, uma boca que te questiona: "E você, quem é você além da minha ausência? O que você espera de si e de mim?"

Este é o lugar em que Henrique parece habitar, um espaço entre a ausência e o confronto com a própria identidade. Esse vazio ecoa junto à canção de Milton Nascimento e Lô Borges que ele repetia no fone, a caminho do velório do pai: "memória de tanta espera/ teu corpo crescendo, salta do chão/ e eu já vejo meu corpo descer/ um dia te encontro no meio da sala ou da rua/ não sei o que vou contar/ respostas virão do tempo..."

As perguntas sem resposta de Henrique não são apenas sobre o pai que o abandonou, mas também sobre quem ele está se tornando como pai. E é nesse exato ponto de transição que ele se encontra: carregando as pedras de

sua história nas mãos, ele agora se depara com seu próprio reflexo no espelho da paternidade. Ao questionar a ausência, parece se perguntar: "Que tipo de pai eu serei? Como poderei romper esse ciclo de silêncio e dor?" O encontro com o seu papel de pai é, portanto, uma tentativa de responder à ausência que sempre esteve ali, mas também uma oportunidade de reescrever essa história para que seu filho nunca tenha que carregar o mesmo peso de uma ausência que se impõe como presença.

Henrique, como pai, vive o oposto da ausência que sofreu: uma presença que grita, que tenta preencher tão intensamente os vazios de sua própria história, que acaba transbordando em seus gestos e palavras. Ele se culpa pela ausência causada pelo divórcio conflituoso entre ele e Martha, mãe de Pedro. Essa culpa o empurra a um excesso de demonstrações de afeto e preocupação. Henrique quer ser tudo o que seu pai não foi, mas, nessa busca desesperada de evitar o abandono, acaba se perdendo em suas próprias intenções. Sua busca por estar presente é tão intensa que, por vezes, se torna incompreensível para os outros e até para si mesmo. Pedro, seu filho, o descreve como alguém que tenta prepará-lo para tudo, mas parece haver um questionamento implícito: que "tudo" é esse?

Certa vez, quando eu tinha nove anos, você me perguntou quem era Deus. Lembro que estávamos caminhando pela rua, procurando uma sombra para descansar. Estava quente, um calor que não era insuportável mas que incomodava. Então, quando encontramos um banco embaixo de uma árvore, você olhou para algumas pombas que ciscavam por ali, naquela praça *malcuidada*, e me perguntou: *Pedro, você sabe quem é Deus?* E eu não fazia a menor ideia do que tinha te feito perguntar uma coisa daquelas para um menino de nove anos. Lembro que havia terminado de ler um livro sobre vampiros, lendas e histórias de terror. Então, quando você me perguntou quem era Deus, pensei em dizer: *Não sei*. Acontece que você detestava que eu dissesse não sei, você dizia: *filho, nunca podemos saber de tudo, mas, olhe, não responda não sei. Diga então que precisa pensar, que precisa de tempo*. No entanto, naquele dia, eu não queria pensar. Estava quente e eu só tinha nove anos. Mas lembrei do meu livro sobre lendas de terror e respondi que achava que Deus era um fantasma que morava no céu. E, quando eu disse isso, você me olhou com certo espanto, e vi seu rosto se iluminar com alegria. Como se eu tivesse dito a coisa mais importante do mundo. Talvez hoje eu compreenda por que você ficou comovido com aquela resposta. Conforme fui crescendo, suas perguntas foram ficando mais complexas. E confesso que às vezes eu não queria ser profundo. Eu queria apenas brincar e ser como os outros filhos eram com seus pais. No entanto, agora eu sei que você estava me preparando (TENÓRIO, 2020, p. 60-61)

Ser um corpo negro é ser um corpo em teste. Ser uma pessoa negra em uma sociedade racista é viver em um estado constante de vigilância, como se cada passo, cada palavra e cada gesto precisassem ser provados e justificados. Henrique, em sua relação com Pedro, encarna essa projeção de maneira intensa. Henrique, marcado pela ausência emocional de seu próprio pai, tenta compensar isso sendo um pai presente, culposamente presente. Ele sente que precisa estar sempre ali, não apenas física, mas emocionalmente, no entanto, essa busca pela presença vai além do trauma de sua própria criação.

Essa dinâmica está presente na cena em que Pedro, ainda criança, é confrontado por uma pergunta aparentemente simples: “*Quem é Deus?*”. A resposta de Pedro: “*um fantasma que mora no céu*” é recebida por Henrique com uma mistura de espanto e alegria, talvez porque, naquele momento, ele vislumbra em seu filho uma tentativa de compreensão em meio à confusão.

Mas o que está por trás dessa simples troca é mais profundo: Henrique não aceita que seu filho responda “não sei” às suas perguntas. Para Henrique, o não saber não é uma opção para um corpo negro, porque ele sabe que a sociedade não permite à população negra a margem de dúvida ou erro. O “não sei” é uma resposta que a sociedade usaria contra Pedro, para reafirmar estereótipos de incompetência ou ignorância. Henrique está ciente de que, para sobreviver nesse mundo, Pedro precisará ser mais do que apenas um bom filho ou um bom aluno, ele precisará estar constantemente preparado.

Essa preparação que Henrique tenta impor ao filho não é apenas uma forma de amor ou proteção, mas também uma resposta ao estado constante de teste ao qual os corpos negros estão submetidos. Na vida de Henrique, e na de muitos homens e mulheres negras, existe a percepção de que não basta ser competente; é necessário ser “duas vezes melhor” para ser reconhecido, para ser visto como digno de respeito e consideração. A falha para uma pessoa negra tem consequências muito maiores, e Henrique sabe disso.

A visão de Henrique sobre o *mundo-em-que-não-se-sabe* me fez lembrar de meu avô materno. Homem do interior do Rio Grande do Norte, ex-carroceiro, agricultor e uma das maiores, senão a maior, referência masculina positiva de minha vida. Ele detestava que, ao sermos questionados, nós, os netos, respondêssemos “*sei lá*”. Isso se aplicava a questionamentos escolares, mas também perguntas rotineiras, como: “*Onde está sua avó?*” “*Sei lá, vovô*” e com uma seriedade exagerada e firmeza pesada na voz, ele sempre nos corrigia: “*Não se pode responder "sei lá". Sei lá é coisa de quem não se importa. Diga "não sei, mas vou tentar descobrir"*”. Essa lição, repetidas inúmeras vezes permanece comigo até hoje, mas às vezes carrega um peso desproporcional, transformando-se em uma cobrança constante sobre todas as coisas ao meu redor.

O personagem Henrique ocupa um lugar emblemático na narrativa, onde sua trajetória de vida é marcada por uma tentativa consciente de se distanciar do exemplo de seu pai, que o abandonou. Henrique, abandonado na infância e profundamente afetado por essa ausência, acaba por construir sua identidade a partir da rejeição do modelo paterno que teve. Ele se empenha em ser o oposto do pai, assumindo para si o compromisso de ser o pai que ele próprio nunca teve. No entanto, à medida que a narrativa se desenrola, ele acaba, por motivos diferentes, repetindo os mesmos erros de abandono, ainda que sob outra forma, e se torna, em meio à sua presença-ausente, uma projeção do próprio pai que tanto repudiou.

Essa “presença-ausente” manifesta-se na incapacidade de estabelecer uma conexão emocional profunda com o filho, algo que também reflete a ausência afetiva que ele mesmo vivenciou. Ele se dedica aos livros, ao ensino, à compreensão das estruturas de poder e opressão, mas, ao mesmo tempo, se perde nesse esforço, não conseguindo acolher as demandas afetivas e

emocionais do filho de maneira eficaz. Henrique se torna, paradoxalmente, um eco do próprio pai ao negligenciar as necessidades emocionais da criança, ainda que seu abandono não seja físico, mas emocional e simbólico.

Do outro lado dessa relação está a frustração de Pedro, filho de Henrique, que precisa lidar com a presença ambígua do pai em sua vida. Henrique se faz presente fisicamente, mas é emocionalmente distante. Pedro admira o pai, especialmente por sua consciência crítica, seu engajamento com as questões raciais e sociais, e sua busca incessante por conhecimento. No entanto, essa admiração vem acompanhada de um sentimento de abandono silencioso, pois, apesar de Henrique estar fisicamente ao seu lado, ele não consegue oferecer o afeto e a atenção emocional que Pedro tanto necessita.

Ainda jovem, Pedro busca o olhar de aprovação do pai, desejando criar uma conexão afetiva que vá além das conversas sobre racismo e desigualdade, e dos momentos passados em livrarias e bibliotecas. Ele anseia por algo mais simples e humano, pela cumplicidade nos pequenos momentos do cotidiano, que sua idade pede. Contudo, a frustração de Pedro cresce à medida que percebe que, mesmo ao seu lado, Henrique parece distante, absorvido pelos próprios pensamentos, pelas batalhas internas e pelas pressões do mundo ao redor. O filho, então, se vê lutando para ser visto e reconhecido, sem nunca conseguir romper o muro emocional que separa os dois.

Quando você queria me ensinar certas coisas cedo demais, como por exemplo, no dia em que você me perguntou que cor eu tinha e foi a primeira vez que eu olhei para os meus braços e vi que tínhamos quase a mesma cor, eu era pequeno, mas eu disse que não sabia que cor era aquela. E você me disse que eu era negro. Mas eu não fazia ideia do que aquilo significava, então você me deu uma aula sobre racismo. Mesmo que para mim fosse difícil compreender. Mesmo que aquela história sobre a cor fosse muito abstrata para mim. E ainda havia vezes em que você ia me buscar e eu queria apenas brincar de correr, de jogar bola, mas na maioria das vezes você me levava para uma livraria ou biblioteca. E era bom no início, porque eu gostava de estar com você de qualquer modo, e às vezes você me trazia um livro, admirado com alguma frase, e eu fazia esforço para mostrar interesse. E então, de repente, você se voltava para o livro e esquecia de mim. E por vezes eu sentia inveja daqueles livros todos, que você lia com tanta atenção. (TENÓRIO, 2020, p. 125)

O peso dessa ausência emocional é amplificado pelo contraste entre o que Pedro vê em Henrique e o que ele sente. Por um lado, Henrique é uma figura forte, intelectual, alguém que tenta mostrar ao filho as realidades duras do mundo. Por outro, essa mesma figura se revela por muitas vezes inacessível, distante, incapaz de compartilhar momentos de intimidade que Pedro tanto valoriza.

Essa frustração que surge acaba por ser também um reflexo do próprio abandono que Henrique sofreu do pai, criando um ciclo doloroso em que Pedro, mesmo sem entender completamente, sente em sua profundidade

A frustração de Pedro está enraizada no desejo não atendido de ser visto e reconhecido por seu pai, de ter uma presença paterna que vá além do discurso

intelectual, e que, no final das contas, lhe ofereça o carinho e a atenção que ele não recebeu. No fundo, Pedro não quer apenas aprender sobre o mundo com Henrique, mas ser acolhido em sua própria existência.

Sou filha de um casal interracial – mãe branca, pai negro – Durante as idas e vindas do relacionamento de meus pais, convivi com meu pai por quinze anos, depois que eles se separaram, as oportunidades de estar com ele se tornaram raras, às vezes por escolha dele, outras por escolha minha, até que, aos trinta anos, não houve mais contato. No entanto, sempre existiu em mim, em algum lugar escondido, uma necessidade de encontrá-lo em mim. Às vezes, essa busca se transformava no desejo de exterminar esse lado dele que carrego; em outras, na vontade de existir em seu oposto. Houve também momentos em que o culpava, tanto por sua ausência quanto por sua presença.

Essa relação complexa entre presença e ausência deixou marcas profundas, a ausência física de meu pai, ao longo dos anos, se tornou uma espécie de presença fantasmagórica dentro de mim. Por vezes, me pergunto quanto de mim é herança dele, o que dele carrego em meu jeito de ser, no modo como vejo o mundo e, ao mesmo tempo, luto com o impulso de apagar esse reflexo, como se, ao fazê-lo, eu pudesse preencher o vazio deixado pela sua falta. No fundo, essa busca se mistura com sentimentos contraditórios: ora o culpo por não estar ao meu lado, ora por ter estado, de maneira insuficiente, confusa, sem nunca saber ao certo como lidar com esse lado de mim que remete a ele.

A relação entre Pedro e Henrique em “O Averso da Pele” (2020) pode ser vista como um reflexo dessa busca complexa por um pai, onde a presença física não é suficiente para preencher o vazio emocional deixado pela ausência afetiva.

Pedro vive a frustração de admirar um pai que, apesar de presente fisicamente, está ausente emocionalmente. Ele tenta enxergar-se na figura de Henrique, desejando criar uma conexão afetiva que vá além do lógico, do racional e endurecido viver do corpo negro, ele quer algo mais simples, humano: o afeto, a intimidade, a segurança que o pai não consegue oferecer. Essa busca por conexão, muitas vezes frustrada, o faz oscilar entre o desejo de compreender Henrique e a dor de perceber que o pai não sabe, ou não pode, ser mais presente.

Porém, ao fim, não se trata apenas do que os nossos pais nos despertam, seja o de Henrique, o de Pedro, ou o meu. A questão vai além da presença ou ausência, da admiração ou frustração. O verdadeiro conflito está no que essas figuras paternas nos deixam como legado emocional e psicológico, e em como nós lidamos com isso. No fundo, a busca não é por eles, mas por nós mesmos. Tentamos entender como suas falhas, suas distâncias, ou até suas presenças marcadas por silêncios e ausências emocionais, moldam quem nos tornamos.

Nem Pedro, nem eu, estamos apenas à procura de respostas sobre nossos pais, mas de um sentido para nossa própria identidade diante dessas lacunas. Assim como Pedro tenta, de algum modo, compreender seu lugar no mundo à sombra de Henrique, eu também tento entender quem sou sem o contato com meu pai. Ao final, não se trata de culpar ou redimir nossos pais, mas de integrar suas falhas e ausências na narrativa de quem nos tornamos.

Quando Pedro sobre seus pais diz:

Acho que vocês nunca se preocuparam em organizar uma narrativa para mim. Sei que o tempo foi passando e o que foi dito por vocês, antes da minha memória, foi dito em retalhos. Então precisei juntar os pedaços e inventar uma história. Por isso não estou reconstruindo esta história para você nem para minha mãe, estou reconstruindo esta história para mim. Preciso arrancar a tua ausência do meu corpo e transformá-la em vida (TENÓRIO, 2020, p.183).

Percebemos uma afirmação da necessidade de autonomia emocional e psicológica. Ele percebe que o pai, Henrique, assim como sua mãe, de certa forma, não lhe ofereceram uma narrativa clara, coesa, que pudesse ajudá-lo a entender suas origens e sua identidade. Em vez disso, o que ele recebeu foram fragmentos, retalhos dispersos que ele próprio teve que reunir para formar uma história. Esse ato de "inventar uma história" evidencia a luta de Pedro para encontrar sentido em uma realidade marcada por ausências.

Porém Pedro não reconstrói a história para os outros, mas para si mesmo, porque entende que a cura e a compreensão precisam vir de si. Ele reconhece que a ausência do pai deixou uma marca profunda em seu corpo e que sua tarefa precisa ser transformar esse vazio em algo que lhe dê vida. Ao "arrancar a ausência" de seu corpo, Pedro busca libertar-se do peso que essa lacuna deixou.

"O avesso da Pele" não é uma busca por reconstruir o que faltou, mas por encontrar significado naquilo que sobrou — nos fragmentos, em memórias incompletas, nas ausências. Transformar essas lacunas em vida é o desafio de quem teve de inventar a própria história. O que realmente importa, ao final, não é apenas entender nossos pais, mas nos libertarmos da prisão dessas ausências, ressignificando-as como partes integrantes da nossa identidade.

4. CONCLUSÃO

A maneira que foi retratada a relação paternal traçada entre Pedro e Henrique, foi feita de maneira intensa e detalhada em diversos aspectos, visto que Pedro, filho de Henrique, é quem narra a obra inteira, acessando após a morte de Henrique, o pai, que durante sua vida inteira se mostrou por inúmeras vezes inacessível ao filho. Pedro, ao buscar a memória de Henrique, o faz inicialmente para sanar a ausência, vivenciar o luto de maneira integral, porém observamos que ao fim, a memória encontrada foi a da continuidade dele mesmo. Pedro passa a compreender que o homem misterioso, muitas vezes incompreensível, de ensinamentos complexos e endurecidos, era apenas um reflexo das dores e frustrações vividas. Ao visitar as memórias de seu pai, Pedro percebe que, por trás do silêncio e da aparente inacessibilidade, havia um homem profundamente marcado pelo desejo de oferecer um futuro diferente ao filho.

Essa busca pela memória transforma o luto de Pedro em um processo de autoconhecimento e reconexão. Ele passa a enxergar em Henrique não apenas o pai ausente, mas um homem complexo, repleto de contradições, que carregava tanto força quanto fragilidade e ao encontrar essa continuidade, Pedro não só honra a memória de Henrique, mas também ressignifica sua própria identidade, compreendendo que sua história não pode ser dissociada da história de seu pai.

Assim, ao transformar o luto em uma jornada de descoberta, Pedro rompe com as barreiras da dor e do distanciamento, permitindo-se compreender a profundidade de sua relação com Henrique. Esse processo não apenas reconstrói a imagem de seu pai como um indivíduo multifacetado, mas também fortalece a própria identidade de Pedro, que se percebe como parte de uma linhagem de resistências, afetos e aprendizagens. Dessa forma, a narrativa nos mostra que a reconexão com as raízes e a aceitação das complexidades humanas são caminhos para superar as ausências e dar novos significados à própria existência.

REFERÊNCIAS

- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** (1952) /trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu, 2020.
- GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.
- HOOKS, bell. **A gente é da hora**. São Paulo. Elefante, 2022.
- INSTITUTO PROMUNDO. **Primeiro relatório sobre as paternidades negras no Brasil** [livro eletrônico]. Brasília, DF: Instituto Promundo, 2021. Disponível em: https://promundo.org.br/recursos/primeiro-relatorio-sobre-as-paternidades-negras-no-brasil/primeiro-relatorio-sobre-as-paternidades-negras-no-brasil_final-2_web/. Acesso em: fevereiro de 2023.
- PINHO, Osmundo. **Qual é a identidade do homem negro?** Democracia Viva, Rio de Janeiro, n. 22, p. 64-69, jun. 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/1420907/Qual_%C3%A9_a_identidade_do_homem_negro. Acesso em 25 out. 2024
- OLIVEIRA, Pedro Paulo. **Discursos sobre a masculinidade**. *Estudos Feministas* (1998): 91-112.
- TENÓRIO, Jeferson. **O Averso da Pele**. Companhia das letras, 2020.